

UMA ANÁLISE DO ARTIGO ACADÊMICO EXPERIMENTAL: AS PRÁTICAS DISCURSIVAS E AS EXPERIÊNCIAS DE ESCRITA DE ALUNOS INICIANTE DO CURSO DE LETRAS

Francisco Jeimes de Oliveira Paiva¹

Antonio Lailton Moraes Duarte²

RESUMO: Propõe-se nesta pesquisa descrever uma organização sociorretórica das informações do gênero textual artigo acadêmico experimental (AAE) produzido por alunos iniciantes do Curso de Graduação em Letras. Entende-se, *a priori*, que o AAE é um dos gêneros de grande prestígio na produção, na distribuição e no consumo do conhecimento científico (SWALES, 1990, 2004; MOTTA-ROTH, 2001), sendo associado a gêneros escritos que reportam a alguma investigação feita por seus autores, objetivando a apresentação de descobertas e a discussão de questões teóricas e metodológicas (BERNARDINO, 2007). Para tal empreitada, aplicou-se o Modelo *CARS* de Swales (1990) num *corpus* de 15 AAEs. Os resultados desta pesquisa demonstraram a necessidade de uma formalização uma organização sociorretórica da modalidade de gênero AAE que vislumbrou o contexto de produção na sua comunidade discursiva em relação às normatizações de redação científica. Conclui-se com a realização desta pesquisa que formalizar um

¹ Mestrando em História e Letras/Feclesc/Uece. Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas. Psicopedagogo Clínico. Especialista em Gestão Escolar e Práticas Pedagógicas. Licenciado em Letras pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos/FAFIDAM/UECE. **Atualmente é professor efetivo de Língua Portuguesa da rede Estadual do Ceará e Professor Coordenador da Área de Linguagens (PCA).**

² Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Licenciado em Letras, habilitação Português e suas respectivas literaturas, pela Universidade Estadual do Ceará e bacharel em Direito, habilitação Direito Público pela Universidade de Fortaleza. Atualmente, é Professor assistente, nível G, de Linguística e Língua Portuguesa e um dos Coordenadores de Área do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Letras-Português da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos-Fafidam, da Universidade Estadual do Ceará.

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - UNESP) São José do Rio Preto, SP - Brasil, 2017.

padrão de organização sociorretórica de AAEs dos alunos iniciantes do curso de Graduação em Letras da Fafidam, no contexto de produção escrita e de divulgação entre seus pares, foi, de fato, satisfatório, tendo em vista que isso resultou numa organização sociorretórica dos AAEs do *corpus* analisado.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero textual; Domínio acadêmico; Comunidade discursiva; Análise sociorretórica; Artigo acadêmico experimental.

1. INTRODUÇÃO

Na definição das características que podem identificar um gênero como uma classe de eventos comunicativos, Swales (1990) concebe um evento como uma situação onde a linguagem verbal tem um papel significativo e indispensável, a qual é constituída do discurso, dos participantes, da função do discurso e do ambiente onde o discurso é produzido e recebido.

Biasi-Rodrigues (1998)

É sabido que tanto no campo de investigação da ciência linguística, bem como nas Ciências Sociais e Humanas, *latosensu*, o conceito de gênero textual tem granjeado uma análise peculiar, em um reconhecimento explícito de sua potencialidade para uma análise integrada não só do processo e do produto textual/discursivo em si, mas também, e necessariamente, de seu papel como expressão privilegiada de práticas com todas as suas implicações. Sendo, de tal

modo, a interação sociocomunicativa¹, mas também os conflitos resultantes de relações de poder e de ideologias nas diversas instâncias de atuação humana, manifestando-se e atualizando-se por intermédio de textos diversos, que, por sua vez, assumem a configuração de gêneros textuais particulares (BEZERRA, 2006).

Por isso, nessa pesquisa, Swales (1990) também é referencial por ser criador do construto teórico designado modelo *CARS*. Isso significa que os estudos desse autor, de acordo com Bernardino (2007), fazem-nos entender que a noção de gênero textual está intensamente ligada ao conceito de comunidade discursiva que tem como principal critério de classificação o reconhecimento dos propósitos comunicativos comuns e partilhados que regulam a interação.

Bernardino (2007), ao tomar essa noção de Swales (1990), que tem sido referência obrigatória no tratamento desta questão, corrobora com a ideia de que o gênero artigo acadêmico experimental (AAE)² é associado a gêneros escritos que reportam a alguma investigação feita por seus autores com vistas à apresentação de descobertas e/ou à discussão de questões teóricas e/ou metodológicas. Em outras palavras, Swales (2004), ao retomar a caracterização do gênero AAE, leva em consideração as diferenças entre artigos acadêmicos experimentais³, artigos teóricos e artigos de revisão⁴.

¹ Machado (2005) quanto a esse assunto discute que as relações interativas são processos produtivos de linguagem. Consequentemente, gêneros e discursos passam a ser focalizados como esferas de uso da linguagem verbal ou da comunicação fundada na palavra.

² A terminologia Artigo Acadêmico Experimental (AAE), é adotada por Bernardino (2007), a partir de Swales (1990).

³ Os artigos acadêmicos experimentais caracterizam-se por objetivar a análise e discussão de dados, coletados para fins da investigação, já que apresentam a seção de Resultados e Discussão na organização retórica de seus modelos e por conter informações metodológicas que são destacadas ou não de suas unidades (BERNARDINO, 2007, p.127).

⁴ O artigo acadêmico teórico e o de revisão apresentam uma distribuição retórica muito semelhante, uma vez que, diferentemente dos artigos experimentais, não contêm as unidades retóricas de Metodologia e Resultados e Discussão dos Dados. O artigo de revisão, segundo a linguista, seria o que mais se distancia do modelo (IMRD) alvitrado por Swales (1990) obtido pela análise prototípica de introduções de artigos acadêmicos, sendo, pois, o modelo para a descrição de artigos acadêmicos para muitos pesquisadores e autores posteriormente (BERNARDINO, *ibidem.*).

Quando tratamos da produção de gêneros do domínio acadêmico, como o artigo acadêmico experimental (AAE), realizados dentro do contexto de práticas discursivas da academia, essa realidade não é diferente, já que há uma forma parcialmente estável que define o gênero textual e que possibilita a sua identificação no todo da comunicação escrita. Adotou-se nesta pesquisa a face escrita do gênero textual artigo acadêmico experimental (AAE), justificando esta escolha por questões metodológicas que se referem às práticas de escrita no domínio discursivo-acadêmico como indispensáveis para a aceitação de membros iniciantes pelos escritores/produtores proficientes, pois objetivamos descrever uma organização retórica desses artigos¹ produzidos por alunos iniciantes do Curso de Graduação em Letras da Fafidam, do município de Limoeiro do Norte/CE.

Para tanto, formalizamos um modelo de organização sociorretórica do gênero textual AAE com base na análise da distribuição de suas unidades sociorretóricas, pois tendo em vista a construção desse modelo, verificaremos se os exemplares coletados atendem à distribuição de informações prescritas pelo modelo CARS de Swales (1990) e pelas normas de redação científica, pois sabemos que podem conter (in)adequações no processo de escrita e produção desse gênero do domínio acadêmico²; por isso, nossa atividade de pesquisa final será comparar se os exemplares coletados e o modelo de organização sociorretórica do gênero textual AAE apresentam (in)adequações às normas de redação científica.

Então, verificamos que ainda não temos pesquisas que nos forneçam uma organização retórica da modalidade do gênero AAE que vislumbre o contexto de produção na sua comunidade discursiva em relação às normatizações de redação científica para se detectar as (in)adequações quanto à escrita dessa modalidade de gênero do

¹ Cf. Oliveira-Silva & Duarte (2008, 2009).

² Marcuschi (2002) afirma que a expressão *domínio discursivo* designa uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses domínios não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios, falamos em discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc., já que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular, porém dão origem a diversos deles.

domínio acadêmico em relação ao modelo *IMRD*¹ de Swales (1990) para facilitar as práticas discursivas de sua produção, escritura e recepção.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta pesquisa, basear-nos-emos fundamentalmente em Bakhtin (1997) e Swales (1990). O primeiro teórico porque é, de certo, referência indispensável para os estudos dos gêneros, pois ele é fundador da denominação gênero do discurso². E o segundo autor pelo fato de nos oferecer uma abordagem teórica para definirmos critérios para análise de gêneros textuais e de comunidade discursiva (SWALES, 1990); para revermos as características de comunidade discursiva (SWALES, 1992, 1993, 1998), e do papel do propósito comunicativo no reconhecimento de gêneros (ASAKEHAVE; SWALES, 2001; SWALES, 2004) e, por fim, para aplicarmos o modelo *CARS*³ (SWALES, 1990) no *corpus* de exemplares de artigos acadêmicos experimentais coletados dos alunos iniciantes do Curso de Graduação em Letras da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, no período de setembro de 2010 a janeiro de 2011.

¹ O modelo *IMRD* (Introdução, Metodologia, Resultados e Discussão) proposto por Hill, Soppelsa e West (1982, p. 335-338), aplicado a seções de introduções de artigos por Swales (1990) a fim de obter uma organização retórica desses gêneros textuais escritos na comunidade discursiva acadêmica.

² Conforme Duarte (2004), por ser flutuante a nomenclatura dos gêneros na literatura, adotaremos indistintamente, neste trabalho, as denominações de gênero (textual e do discurso), apesar de sabermos que existem autores que estabelecem distinção entre essas designações, mas essas distinções ainda se encontram num terreno nada consensual.

³ O Modelo *CARS* de Swales (1990) é conceituado, segundo Oliveira (2005), como “a forma de um modelo constituído de *moves* {movimentos} e *steps* {passos} (subunidades *moves*). Neste modelo, denominado modelo *CARS* (*creating a research space* [criar um espaço para pesquisa]) para introduções de artigos de pesquisa, Swales (1990) apresenta um quadro de categorias passíveis de aparecer em introduções de artigos de pesquisa. As categorias fundamentais, denominadas *moves*, mais genéricas, são preenchidas por subcategorias, às vezes optativas entre si, denominadas *steps*, sendo que para sua pesquisa adota as denominações utilizadas por Biasi-Rodrigues (1998), a saber: unidades e subunidades retóricas, por entender que tais designações evidenciam, de imediato, as complexas relações retóricas presentes em cada um dos *moves* e dos *steps* que compõem e caracterizam o gênero textual resumo acadêmico, seu objeto de estudo.

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

Bernardino (2007), ao tomar essa noção de Swales (1990), que tem sido referência obrigatória no tratamento desta questão, corrobora com a ideia de que o gênero artigo acadêmico experimental (AAE)¹ é associado a gêneros escritos que reportam a alguma investigação feita por seus autores com vistas à apresentação de descobertas e/ou à discussão de questões teóricas e/ou metodológicas.

Em outras palavras, Swales (2004), ao retomar a caracterização do gênero AAE, leva em consideração as diferenças entre artigos acadêmicos experimentais, artigos teóricos e artigos de revisão.

2.1 GÊNEROS TEXTUAIS: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E NOVAS TENDÊNCIAS DE ESTUDO NA COMUNIDADE DISCURSIVA ACADÊMICA

Bakhtin (1997) foi instituidor da terminologia gênero do discurso que ultimamente fundamenta a maioria dos estudos sobre gêneros textuais. Isto significa que a desmedida variedade de possibilidades de uso da língua em diversos contextos da atividade humana está diretamente ligada à caracterização dos gêneros do discurso, logo ele afirma que,

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as esferas da atividade humana (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Na acepção bakhtiniana, o uso da língua efetua-se em forma de enunciados orais e escritos, em função da esfera da atividade humana em que os enunciados sejam produzidos é perceptível à ocorrência de tipos relativamente estáveis de enunciados. Por serem tão variados, há

¹ A terminologia Artigo Acadêmico Experimental (AAE) é adotada por Bernardino (2007), a partir de Swales (1990).

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

a necessidade de a língua estabelecer essa relativa estabilidade para que, dependendo do local de produção, os gêneros textuais se diferenciem e/ou se ampliem, como ele mesmo diz,

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se, ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Esse teórico, quando trata dessa questão da variedade de gêneros do discurso cita que essa padronização transfere caráter específico e possibilita que a comunicação aconteça de forma clara e objetiva independentemente do local de sua produção. Como nesta pesquisa, estudaremos a estrutura de um gênero textual que se realiza como produção de uma determinada comunidade discursiva, consideramos que o estudo bakhtiniano é crucial para que tenhamos conhecimento da cadeia em que está incluído o gênero textual em estudo.

2.1.1 PRODUÇÃO, USO E CIRCULAÇÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS NA ESCRITA ACADÊMICA

Na escrita acadêmica, de acordo com Araújo (2006), as escolhas e práticas discursivas dependem das relações entre participantes e do posicionamento do escritor, que é em parte influenciado por práticas sociais de sua área disciplinar. Tais práticas são socialmente definidas pela comunidade discursiva, que detém conhecimento especializado para estruturar e comunicar um gênero acadêmico e para reconhecer e legitimar tais usos por seus pares.

Araújo (2004) salienta que a aparência convencionalizada de uma interação escrita é reconhecida ao fazer parte de um gênero particular. Assim, ao interagir no texto, os produtores devem ter não apenas conhecimento das normas e convenções desse texto (gênero textual), estabelecido pela comunidade discursiva, mas também, dentre outras coisas, sobre a consciência da audiência a quem o texto se destina e uma habilidade para refletir e explorar essa consciência sobre como o texto deve ser escrito.

Figueiredo e Bonini (2006) acrescentam que dentro das práticas da escrita acadêmica as relações entre membros antigos e novos dentro de uma comunidade discursiva, observando o aspecto da admissão dos novatos na comunidade em questão, se dão em face do ajuste do novato pelas normas regentes, como também observa que os membros antigos já são possuidores de uma autonomia que chega até a romper com estas normas.

Esses dois autores afirmam que os alunos universitários devem utilizar-se do discurso acadêmico e dos gêneros aceitos para uso dentro deste discurso (na modalidade escrita, podemos citar o artigo acadêmico, a resenha, o relatório), dentre outros.

2.1.2 O MODELO CARS: UM MODELO DE ANÁLISE DE GÊNEROS

Conforme a perspectiva de Swales (1990; 2001), a Análise de Gêneros em termos de análise da organização sociorretórica, está relacionada com a natureza da informação e o modo como o autor coloca essas informações em unidades discursivas para agir em determinada situação sociorretórica.

Então, a fim de ensinar produção textual e leitura de uma maneira contextualizada, Swales (1990) desenvolveu o modelo CARS para analisar a organização sociorretórica¹ de introduções de artigos de pesquisa. Para o modelo, o autor lançou mão de dois conceitos: o de

¹Swales (1990) entende a organização retórica, como sendo o modo como o texto realiza propósitos comunicativos.

movimento/*movement* (grande ação retórica realizada no texto) e o de passo/*step* (sub-ação que realiza o movimento).

Desse modo, em uma primeira versão, o modelo apresentou quatro movimentos: 1) Estabelecendo o campo de pesquisa (área em que se insere a pesquisa); 2) Sumarizando pesquisas prévias (faz referência a pesquisas já desenvolvidas); 3) Preparando a presente pesquisa (descreve a pesquisa, indicando objetivos, hipótese e métodos); e, finalmente, 4) Introduzindo a presente pesquisa (mostra aspectos relevantes na área desenvolvida).

Em função de alguns pesquisadores escreverem sobre suas dificuldades em separar o movimento 1 do movimento 2, Swales (1990) revisou o modelo inicial e o atualizou, reduzindo de 4 para 3 os movimentos retóricos das introduções de artigos de pesquisa, mas acrescentando vários passos em cada um dos movimentos, conforme mostra a figura 1 a seguir:

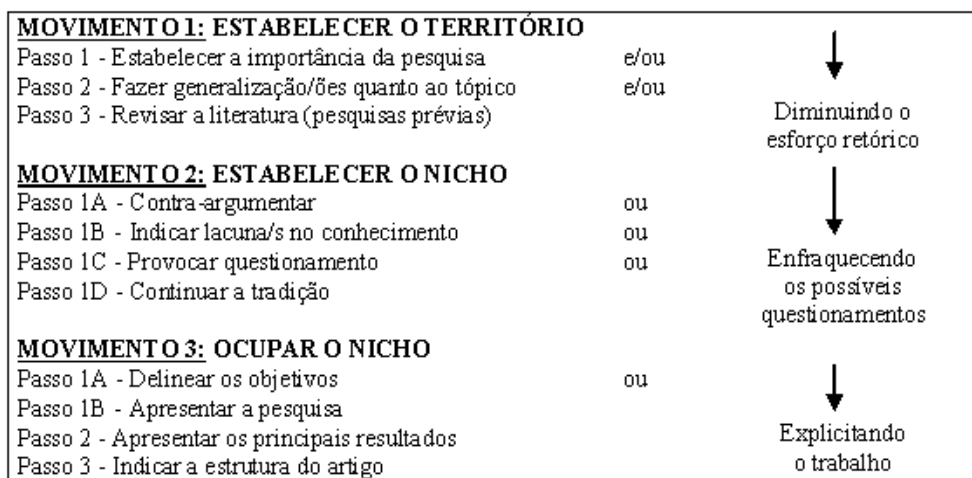


Figura 1 – Descrição da organização retórica da seção introdutória de artigos acadêmicos (SWALES, 1990, p. 141).

Esse modelo revela uma arquitetura textual constituída de três movimentos retóricos, preenchidos com diferentes passos, que cumprem funções específicas, relacionadas ao propósito comunicativo da peça genérica por ele descrita. Os três movimentos retóricos são considerados pelo autor obrigatórios em introduções de artigos de pesquisa, porém as partículas “e/ou” e “ou” que aparecem entre os passos indicam a opcionalidade destes. As setas apontando para baixo indicam o movimento de organização das informações, do geral para o particular, em função do esforço retórico dispendido para se chegar aos aspectos específicos que constituem a pesquisa propriamente dita.

A utilização do modelo *CARS* nos possibilitou sugerir ao final desta pesquisa um modelo de organização retórica dos artigos acadêmicos experimentais. Deste modo, esse modelo nos permitirá através da observação dos propósitos comunicativos de cada unidade sociorretórica, identificar e classificar as unidades e subunidades sociorretóricas caracterizadoras da distribuição de informações em AAEs produzidos por alunos iniciantes do Curso de Graduação em Letras da Fafidam, com o fim de verificarmos a organização sociorretórica desses gêneros escritos nesse espaço de produção escrita de textos acadêmicos.

Nessa perspectiva, acreditamos que a identificação das unidades retóricas caracterizadoras dessa modalidade de artigo acadêmico, através da aplicação do modelo proposto por Swales (1990), nos forneceu mais elementos que contribuiu para a caracterização do gênero artigo acadêmico experimental.

2.2 O GÊNERO ARTIGO ACADÊMICO EXPERIMENTAL (AAE)

Conforme Swales (1990), o AAE é um texto escrito que contém também textos não-verbais (tabelas, gráficos, figuras, esquemas e diagramas), geralmente limitado a mais ou menos 10.000 palavras, cujo objetivo é reportar os resultados de um estudo realizado por um pesquisador ou um grupo de pesquisadores.

É importante salientar que dentro desse domínio, o gênero AAE, segundo Hyland (2000), tem missão de estabelecer a produção científica em questão como uma novidade para a comunidade disciplinar; reconhecer produções anteriores e estabelecer as hipóteses em questão dentro do contexto geral do discurso disciplinar; oferecer garantias sobre as proposições construídas no artigo; demonstrar um *ethos*¹ disciplinar apropriado e habilidade para negociar com os pares na academia.

2.2.1 PROPÓSITOS COMUNICATIVOS

Nos estudos de Bhatia (1993; 1997), *apud* Bezerra (2006, p. 70), o propósito comunicativo tem a ver exatamente com aquilo que os gêneros realizam na sociedade, admitindo-se, porém, que o propósito de um gênero não é necessariamente único e predeterminado. No conjunto de propósitos comunicativos realizados por um gênero, haverá propósitos específicos ou “intenções particulares” de certos atores sociais, sejam eles os produtores do gênero ou os controladores de sua produção e circulação, como no caso dos gêneros da mídia, por exemplo, ao lado dos propósitos “socialmente reconhecidos”.

2.2.2 ASPECTOS ESTILÍSTICOS

¹ Segundo Maingueneau (2001, p. 98), *ethos* é o fenômeno em que, “por meio da enunciação, revela-se a personalidade do enunciador”. “São os traços de caráter que o orador deve *mostrar* ao auditório (pouco importa sua sinceridade) para causar boa impressão: são os ares que assume ao se apresentar. [...] O orador enuncia uma informação, e ao mesmo tempo diz: eu sou isto, eu não sou aquilo” (BARTHES, 1966 *apud* MAINGUENEAU, 2001, p.98).

Para Bakhtin (1979, p. 283), o estilo “está intimamente ligado ao enunciado e a formas típicas de enunciados, isto é, aos gêneros do discurso”, ou seja, o vínculo indissociável, orgânico, entre o estilo e o gênero mostra-se com muita clareza quando se trata do estilo linguístico ou funcional. De fato, o estilo linguístico ou funcional nada mais é senão o estilo de um gênero peculiar a uma esfera da atividade e da comunicação humanas.

Nos manuais de metodologia científica, o estilo recebe acentuado destaque. Isso, todavia, não impede que o estilo seja levemente delineado ao longo das prescrições. Uma provável justificativa para sua presença nos manuais é o fato de fazer parte da constituição do gênero, estando indissolúvelmente ligado ao enunciado, sendo assim, Bakhtin (2003) nos diz que,

esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua [...]”.

O estilo está presente em todo enunciado, apresentando duas concepções, segundo o filósofo russo, enquanto expressão da individualidade do falante e enquanto estilo do próprio gênero do discurso. Sendo assim, esse autor indica que o estilo do enunciado é determinado “pela relação valorativa do falante com o elemento semântico-objetual do enunciado”, ou seja, o falante possui suas emoções, seus juízos de valor, que definem sua relação com o elemento semântico-objetual.

2.2.3 ESTRUTURA COMPOSICIONAL

Swales (1990) define o gênero AAE como um texto escrito (embora, frequentemente, contenha elementos não verbais), geralmente limitado a algumas milhares de palavras, que reporta a alguma investigação feita por seu autor ou autores. Além disso, o AAE irá, geralmente, relacionar as descobertas apresentadas por ele às dos outros pesquisadores e pode, também, expor questões teóricas ou metodológicas. Ele aparece em revistas acadêmicas ou, menos tipicamente, editado em um livro composto de artigos selecionados.

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

Em sua análise do gênero discursivo AAE, Swales (1990) adota a estrutura textual dividida nas seções de Introdução, Métodos, Resultados e Discussão ou IMRD, conforme originalmente proposto por Swales (1990). Essa divisão do AAE reflete a organização da pesquisa, ou seja, os passos seguidos para sua realização e também possibilita o direcionamento do leitor para os pontos de seu interesse no texto.

A estrutura IMRD tornou-se padrão para o AAE, por adequar-se aos relatos originais de pesquisa e/ou seguir "o ciclo lógico da pesquisa indutiva" (DODD, 1986, p.2). Tal estrutura lógica parece facilitar a leitura rápida, vindo esse aspecto a ser importante para os cientistas que, a cada dia, precisam ler mais material de maneira cada vez mais veloz. Essa estabilidade estrutural do AAE demonstra que esse texto apresenta uma organização precisa de informações; entretanto, somente organizar procedimentos de uma pesquisa não é suficiente; o autor deve fazer com que seu leitor entenda e aprove seu trabalho.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

3.1 OS CONTEXTOS DE PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DOS AAES

Para termos uma visão mais completa do AAE enquanto gênero textual, isto é, como uma das manifestações do discurso acadêmico e como ação retórica tipificada, procedemos, primeiramente, a uma análise panorâmica, ainda que sucinta, do contexto de produção e recepção dos AAES.

Hyland (2000), *apud* Bernardino (2007), chama nossa atenção para o caráter fundamentalmente interativo da produção acadêmica ou profissional, afirmando que isso nos leva a ver a escrita como um engajamento em um processo social no qual a produção do gênero reflete metodologias e estratégias retóricas projetadas para moldar apropriadamente contribuições disciplinares.

Criando, pois, um ambiente de leitura convincente envolve a evidência de convenções disciplinares e genéricas específicas tais com "o artigo publicado é um híbrido multifacetado co-produzido pelos autores e pelos membros do público ao qual é dirigido" (KNORR-

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - UNESP) São José do Rio Preto, SP - Brasil, 2017.

CETINA, 1981, p.106). Isto quer dizer que as representações textuais, em outras palavras, são socialmente mediadas, influenciadas pelas comunidades às quais escritores e leitores pertencem (HYLAND, 2000, *apud* BERNARDINO, 2007, p. 34).

3.2 UMA ORGANIZAÇÃO SOCIORRETÓRICA DO ARTIGO ACADÊMICO EXPERIMENTAL (AAE)

A pesquisa, em Análise de Gênero, tradicionalmente investiga os padrões retóricos recorrentes que podem dar conta da configuração de um AAE, ou seja, o objetivo, a natureza e a organização da informação no texto. A partir disso, pesquisadores têm proposto modelos descritivos, identificando traços linguísticos relacionados à macro (organização do gênero em estágios textuais abrangentes) e microestrutura (os elementos do sistema léxico-gramatical que realizam esses estágios) desses textos em diferentes disciplinas (HENDGES, 2001).

Dessa forma, a academia com suas práticas de redação, publicação e leitura de textos acadêmicos, que possibilitam a interação entre pares, constitui-se em uma das esferas de atividade humana. Enquanto universo de interação, a academia abrange várias comunidades formadas por membros de diferentes disciplinas. Ainda que as práticas discursivas dessa comunidade – suas atividades institucionais de produção, distribuição e interpretação de textos (FAIRCLOUGH, 1992) – sejam moldadas por convenções da língua e da estrutura social, elas podem agir sobre a estrutura no sentido de reproduzi-la ou de transformá-la (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999).

A partir dos postulados de Motta-Roth (2002b) e Bernardino (2007), entendemos que o artigo acadêmico experimental é o gênero textual mais recorrente para a produção e divulgação de conhecimento na comunidade acadêmica, pois tem como objetivos básicos apresentar e discutir resultados de pesquisas ou ainda apresentar revisão de literatura da área. É importante ressaltar, porém, que a posição

hierárquica de um gênero irá variar em diferentes práticas disciplinares (SWALES, 2004).

Ainda segundo Motta-Roth (2002b), ao produzirem e publicarem exemplares do gênero, os autores buscam construir, frente à comunidade acadêmica, a identidade de um pesquisador capaz de refletir sobre estudos relevantes para um campo de pesquisa e, a partir daí, pontuar um problema ainda não totalmente estudado neste campo, elaborando articulações teóricas e metodológicas para a investigação deste problema.

Então, a partir da análise de 15 AAEs, escritos por alunos do 1 semestre de numa turma de Graduação em Letras da Fafidam, foi possível definir um padrão da organização retórica dos artigos acadêmicos experimentais compostos de nove unidades e trinta e cinco subunidades retóricas recorrentes. Conforme apresentamos na figura 2 a seguir. Estas unidades se realizaram de diversas maneiras nos diferentes AAEs, o que revela que as suas subunidades não precisam se realizar todas ao mesmo tempo, ao contrário, o que é prototípico no gênero é seu caráter, representado no quadro abaixo pela expressão “e/ou”.

Figura 2 - Proposta de descrição esquemática da organização sociorretórica de artigos acadêmicos experimentais, a partir da análise de AAEs de alunos do Curso de Graduação, em Letras da Fafidam, 2017.

UMA ANÁLISE DO ARTIGO ACADÊMICO EXPERIMENTAL: AS PRÁTICAS DISCURSIVAS E AS EXPERIÊNCIAS DE ESCRITA DE ALUNOS INICIANTES DO CURSO DE LETRAS

INTRODUÇÃO	<p>UNIDADE RETÓRICA 1: ESTABELECE O TERRITÓRIO Subunidade 1 - Justificando a importância da pesquisa e/ou Subunidade 2 - Fazendo generalização/ões quanto ao tema selecionado e/ou Subunidade 3 - Revisando a literatura (pesquisas prévias)</p>
	<p>UNIDADE RETÓRICA 2: ESTABELECE O NICHU Subunidade 1A - Contra-argumentando ou Subunidade 1B - Indicando lacuna/s no conhecimento ou Subunidade 1C - Provocando questionamento ou Subunidade 1D - Continuando a tradição</p>
	<p>UNIDADE RETÓRICA 3: OCUPAR O NICHU Subunidade 1A - Delineando os objetivos ou Subunidade 1B - Apresentando a pesquisa Subunidade 2 - Apresentando os principais aspectos do tema selecionado Subunidade 3 - Indicando a estrutura do artigo</p>
REVISÃO DE LITERATURA	<p>UNIDADE RETÓRICA 4: SITUAR A PESQUISA Subunidade 1A - Estabelecendo interesse profissional no tema ou Subunidade 1B - Fazendo generalizações do tema e/ou Subunidade 2A - Citando pesquisas prévias ou Subunidade 2B - Estendendo pesquisas prévias ou Subunidade 2C - Contra-argumentando pesquisas prévias ou Subunidade 2D - Indicando lacunas em pesquisas prévias</p>
METODOLOGIA	<p>UNIDADE RETÓRICA 5: DESCREVER O CORPUS Subunidade 1 - Especificando o <i>corpus</i> e/ou Subunidade 1.1 - Especificando o tamanho ou Subunidade 1.2 - Especificando o gênero ou Subunidade 1.3 - Especificando a área investigada ou Subunidade 1.4 - Especificando a fonte de coleta ou Subunidade 2 - Justificando a escolha e/ou Subunidade 3 - Descrevendo a coleta do <i>corpus</i></p>
RESULTADOS E DISCUSSÃO	<p>UNIDADE RETÓRICA 6: DESCREVER AS CATEGORIAS DE ANÁLISE Subunidade 1A - Especificando as categorias de análise ou Subunidade 1B - Descrevendo os procedimentos ou</p>
	<p>UNIDADE RETÓRICA 7: DISCUTIR OS RESULTADOS Subunidade 1 - Recapitulando os aspectos metodológicos e/ou Subunidade 2 - Apresentando as descobertas da pesquisa e/ou</p>
	<p>UNIDADE RETÓRICA 8: AVALIAR AS DESCOBERTAS Subunidade 1 - Explicando os achados e/ou Subunidade 2 - Comparando as descobertas com a literatura e/ou Subunidade 3 - Resumindo os resultados alcançados e/ou</p>
CONCLUSÃO(ÕES)	<p>UNIDADE RETÓRICA 9: CONCLUIR A PESQUISA Subunidade 1A - Apresentando conclusão(ões) e/ou Subunidade 1B - Relacionando os resultados à área investigada e/ou Subunidade 2 - Apontando contribuição(ões) da pesquisa e/ou Subunidade 3 - Apresentando as lacunas da pesquisa e/ou</p>

Fonte: Elaborado pelos autores.

3.3 EVIDÊNCIAS DE PADRONIZAÇÃO E DE FLEXIBILIDADE NA IDENTIFICAÇÃO DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO DOS ARTIGOS ACADÊMICOS EXPERIMENTAIS

3.3.1 DISTRIBUIÇÃO DAS SEÇÕES TEXTUAIS DOS AAEs

Antes de distribuirmos as seções do *corpus* que selecionamos, devemos considerar que os artigos acadêmicos experimentais (AAEs), com base em Swales (2004), são aqueles que apresentaram como objetivo central a análise de dados de qualquer natureza e, portanto, apresentaram necessariamente a seção de Resultados e Discussão (BERNARDINO, 2007, p.120-3).

Veamos, agora, como se comportaram os 15 artigos acadêmicos experimentais analisados quanto à distribuição de suas seções textuais:

Quadro 3 - Distribuição das seções destacadas dos AAEs.

SEÇÃO AAEs	Introdução	Revisão de Literatura	Metodologia	Resultados e Discussão	Conclusão
AAE1	X	X	-	X	X
AAE2	X	X	X	X	X
AAE3	X	X	X	X	X
AAE4	X	X	X	X	X
AAE5	X	X	-	X	X
AAE6	X	X	X	X	X
AAE7	X	X	-	X	X
AAE8	X	X	-	X	X
AAE9	X	-	-	X	X
AAE10	X	-	X	X	X
AAE11	X	X	X	X	X
AAE12	X	X	X	X	X
AAE13	X	X	-	X	X
AAE14	X	X	X	X	X
AAE15	X	X	-	X	X

Fonte: Elaborado pelos autores.

É possível perceber através dos resultados acima que todos os exemplares de AAEs apresentaram seções destacadas para Resultados e Discussão. Os artigos AAE9 e AAE10 não apresentaram a seção destacada para Revisão de Literatura uma vez que os pressupostos teóricos estão na seção de Introdução e/ou inseridos na seção de Resultados e Discussão.

Este fato, provavelmente, deve-se a dois fatores: 1-segundo Swales (1990), a seção Introdução de AAE tem como um de seus objetivos contextualizar o ambiente teórico do trabalho, delimitando, assim, um território de conhecimento a partir do qual os autores podem construir suas proposições e a partir do qual os leitores podem interpretá-las.

Assim, como podemos perceber, todos os AAEs apresentaram informações teóricas, metodológicas e resultados de análise, mas metade desses artigos apresentou uma variação na distribuição das informações das respectivas seções, mostrando que há exemplares mais próximos e exemplares mais distantes do modelo *CARS* de Swales (1990).

3.3.2 DISTRIBUIÇÃO DAS UNIDADES E SUBUNIDADES RETÓRICAS DOS ARTIGOS ACADÊMICOS EXPERIMENTAIS: INDÍCIOS DE FLEXIBILIDADE?

A tabela 1 mostra os percentuais de ocorrência das nove unidades e respectivas subunidades sociorretóricas, deixando em evidência uma frequência mais alta das unidades 1 e 2 da seção de introdução dos AAEs, mas também a unidade 7 e 8 da seção de Resultados/Discussão apresentou a maior incidência de recorrência no *corpus* desta pesquisa. Além da frequência de unidades sociorretóricas e subunidades destas seções anteriores, temos na Conclusão(ões) dos AAEs uma expressiva recorrência em relação ao

número total de artigos acadêmicos experimentais selecionados. Já os percentuais das subunidades foram calculados em relação a sua frequência em todas as unidades retóricas deste estudo.

Podemos verificar esses indícios de flexibilidade na Tabela 1 abaixo:

Tabela 1 - Distribuição das unidades e subunidades sociorretóricas dos AAEs em porcentagem

UNIDADES E SUBUNIDADES RETÓRICAS DOS AAEs	<u>Nº DE OCORRÊNCIA</u>	<u>%</u>
UNID. 1: ESTABELEECER O TERRITÓRIO	15	100
Sub 1 - Estabelecendo a importância da pesquisa	15	100
Sub 2 - Fazendo generalização/ões quanto ao tópico	15	100
Sub 3 - Revisando a literatura (pesquisas prévias)	13	86,66
UNID. 2: ESTABELEECER O NICHOS	15	100
Sub 1A - Contra-argumentando	15	100
Sub 1B - Indicando lacuna/s no conhecimento	7	46,66
Sub 1C- Provocando questionamento	8	53,33
Sub 1D - Continuando a tradição	11	73,33
UNID. 3: OCUPAR O NICHOS	15	100
Sub 1A - Delineando os objetivos	13	86,66
Sub 1B - Apresentando a pesquisa	14	93,33
Sub 2 - Apresentando os principais resultados	8	53,33
Sub 3 - Indicando a estrutura do artigo	2	13,33

UMA ANÁLISE DO ARTIGO ACADÊMICO EXPERIMENTAL: AS PRÁTICAS DISCURSIVAS E AS EXPERIÊNCIAS DE ESCRITA DE ALUNOS INICIANTES DO CURSO DE LETRAS

UNID. 4: SITUAR A PESQUISA	13	86,66
Sub 1A - Estabelecendo interesse profissional no tópico	13	86,66
Sub 1B - Fazendo generalizações do tópico	12	80
Sub 2A - Citando pesquisas prévias	12	80
Sub 2B - Estendendo pesquisas prévias	12	80
Sub 2C- Contra-argumentando pesquisas prévias	7	46,66
Sub 2D - Indicando lacunas em pesquisas prévias	9	60
UNID. 5: DESCREVER O CORPUS	8	53,33
Sub 1- Especificando o <i>corpus</i>	8	53,33
Sub 1.1 - Especificando o tamanho	6	40
Sub 1.2 - Especificando o gênero	7	46,66
Sub 1.3 - Especificando a área investigada	8	53,33
Sub 1.4 - Especificando a fonte de coleta	5	33,33
Sub 2 - Justificando a escolha	3	20
Sub 3- Descrevendo a coleta do <i>corpus</i>	3	20
UNID. 6: DESCREVER AS CATEGORIAS	8	53,33
Sub 1A - Especificando as categorias analíticas	6	40
Sub 1B - Descrevendo os procedimentos	8	53,33
UNID. 7: DISCUTIR OS RESULTADOS	15	100
Sub 1 - Recapitulando as informações metodológicas	15	100
Sub 2 - Apresentando as descobertas da pesquisa	15	100

Fonte: Elaborado pelos autores.

UNID. 8: AVALIAR AS DESCOBERTAS	15	100
Sub 1 - Explicando os fatos/achados	15	100
Sub 2 - Comparando as descobertas com a literatura	15	100
Sub 3 - Resumindo os resultados alcançados	15	100
UNID. 9: CONCLUIR A PESQUISA	15	100
Sub 1A - Apresentando conclusão(ões)	15	100
Sub 1B - Relacionando os resultados à área investigada	14	93,33
Sub 2 - Apontando contribuição(ões) da pesquisa	15	100
Sub 3 - Apresentando as lacunas da pesquisa	13	86,66

Constatou-se nessa tabela, uma considerável ausência das unidades 5 e 6 da seção de Metodologia dos AAEs analisados, uma vez que os produtores desses gêneros textuais do domínio discursivo acadêmico, ao escreverem, dão ênfase a essas informações metodológicas na seção de Introdução que visa apresentar e delinear os objetivos da pesquisa, citar pesquisas prévias e informar ao leitor métodos ou procedimentos que irão nortear uma pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E LIMITAÇÕES DE ESTUDO

Neste momento de finalização desta pesquisa, objetivamos reunir e sistematizar os fatos/elementos discursivos discutidos na análise, relacionando como essas discussões e resultados responderam à pergunta central que movimentou este estudo. Iniciemos, pois, retomando, tal pergunta: como se organizam retoricamente as

informações no gênero artigo acadêmico experimental produzido por alunos iniciantes do Curso de Graduação em Letras da Fafidam enquanto gênero textual do domínio acadêmico?

É interessante salientar que, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, essa pergunta de pesquisa anterior gerou outras perguntas que os dados analisados e discutidos permitem responder: qual é o contexto de produção do gênero textual AAE na sua comunidade discursiva? Quais as unidades e subunidades sociorretóricas do gênero AAE no contexto acadêmico quando se aplica o modelo CARS? Que modelo de organização sociorretórica do gênero AAE pode ser formalizado quando se parte da análise de suas unidades informacionais? O gênero AAE na prática de escrita acadêmica atende à distribuição de informações prescritas pelas normas de redação científica? Que (in)adequações às normas de redação científica são comumente encontradas na escrita do gênero AAE?

Dessa forma, embora não fosse o objetivo central de nossa investigação, acabamos por apresentar alguns aspectos que sustentam os posicionamentos conclusivos obtidos com o fim de formalizar um padrão de organização retórica das unidades e subunidades presentes nos *corpus* de 15 AAEs produzidos por esses produtores iniciantes na academia. Sendo que não há ainda no espaço das práticas de produção escrita de gêneros textuais acadêmicos estudos que tenham formalizado um modelo descritivo da modalidade de artigo acadêmico que nos dispomos a analisar e a descrever sociorretoricamente.

Nosso estudo, então, baseou-se em um *corpus* composto por 15 AAEs de alunos do Curso de Graduação em Letras, colhido nas atividades de pesquisa realizadas pela Monitoria Acadêmica de Produção de Gêneros Textuais Acadêmicos da Fafidam. Buscamos contextualizar sua produção, o uso e a circulação desses gêneros textuais acadêmicos nessa comunidade discursiva, procurando descrever sua organização sociorretórica e explicar-lhes os propósitos comunicativos, aspectos estilísticos caracterizadores e estrutura composicional com a aplicação do modelo CARS de Swales (1990). Fizemos também nesta pesquisa, uma comparação das Normas da ABNT e Manuais de Metodologia Científica, bem como estabelecemos

uma contextualização comunicativo-situacional da produção de artigos acadêmicos experimentais em nossa comunidade discursiva acadêmica.

Estes foram os propósitos comunicativos destacados do *corpus* de 15 artigos acadêmicos experimentais desta pesquisa como foram discriminados no quadro 2, a qual averiguamos que tais propósitos comunicativos por estarem dentro do contexto de produção e recepção da escrita acadêmica desses alunos, resultaram numa marcante heterogeneidade discursiva, devido a estabilidade relativa da estrutura composicional e dos aspectos estilísticos caracterizadores, em contrapartida com as orientações da ABNT e Manuais de Metodologia da Pesquisa Acadêmica.

Por outro lado, os resultados presentes nos capítulos 4 e 5 demonstraram algumas considerações oriundas da aplicação teórica e metodológica de nossa análise, identificamos a princípio as seções textuais presentes e ausentes no *corpus* analisado, pode-se ver esses dados no quadro 3, em que foram evidenciados o comportamento da distribuição das seções nos textos-fonte. Outro fato interessante é que as seções Resultados/Discussão e Conclusão apresentaram grande estabilidade relativa de suas unidades e subunidades retóricas, tendo em vista que os postulados teóricos que fundamentam, dizem que essas seções são recorrentes na composição textual de artigos acadêmicos experimentais.

Assim, percebemos que todos os AAEs apresentaram informações teóricas e metodológicas na seção de Introdução e na seção de Resultados e Discussão, bem como as Conclusões, mas 80% desses artigos apresentou uma variação na distribuição das informações das respectivas seções de Revisão de Literatura e Metodologia, mostrando que há exemplares mais próximos e exemplares mais distantes do modelo CARS de Swales (1990).

Examinamos ainda a ocorrência de alguns indícios de flexibilidade na distribuição das unidades sociorretóricas e subunidades dos AAEs, ao fazermos os esquemas-síntese dos 15 exemplares do *corpus*. Assim como no exemplar AAE2 que apresentou a organização retórica com todas as seções textuais de um artigo acadêmicos experimental, que segundo Bernardino é organizado da seguinte forma: Introdução, Revisão de Literatura, Metodologia, Resultados/Discussão e Conclusão (BERNARDINO, 2007, p. 155). Analisamos seguindo o esquema-síntese os outros exemplares de AAEs: (AAE1, AAE3, AAE4, AAE5, AAE6, AAE7, AAE8, AAE9, AAE10, AAE11, AAE12, AAE13, AAE14 e AAE15).

Ficou explícito a partir da análise das unidades e subunidades sociorretóricas contidas nas seções de Introdução, Revisão de Literatura, Metodologia, Resultados/Discussão e Conclusão(ões) do exemplar AAE2 que servem como referência para as observações que foram feitas nos demais AAEs. Com isso, o AAE2 apresentou unidades sociorretóricas relativamente estáveis em consonância com o modelo descritivo de organização retórica que formulamos a partir da análise inicial do *corpus* de 15 artigos acadêmicos experimentais advindos da aplicação do modelo CARS de Swales (1990).

Após essa esquematização, obtivemos como podemos ver na tabela 1 - as evidências de flexibilidade, mostrando os percentuais de ocorrência das 9 unidades retóricas e das 35 subunidades, deixando em destaque uma frequência mais alta das unidades 1, 2 e 3 da seção Introdução dos AAEs, mas também as unidades 7 e 8 da seção Resultados/Discussão apresentaram a maior incidência de recorrência no *corpus* desta pesquisa. Podemos, enfim, verificar ainda que essa criatividade de ausência de unidades e subunidades sociorretóricas constitui um indício de flexibilidade nas escolhas dadas pelos autores às unidades sociorretóricas e subunidades que selecionam para compor os AAEs. Esse fato pode representar a cultura acadêmica, que possivelmente é restrita a esse espaço de produção discursiva, ou pode ser resultado do (des)conhecimento das convenções praticadas nesse domínio, tomados como parâmetros para a organização sociorretórica de textos acadêmicos.

Conclui-se com a realização desta pesquisa, a qual o nosso maior desafio foi formalizar um padrão de organização sociorretórica de AAEs dos alunos iniciantes da disciplina de Produção de Gêneros Textuais Acadêmicos, do curso de Graduação em Letras da Fafidam, no contexto de produção escrita e de divulgação entre seus pares foi, de fato, crucial, tendo em vista que conseguimos fazer uma organização retórica dos AAEs do *corpus* e analisamos os aspectos formais e funcionais que os caracterizam, como: o propósito comunicativo, os aspectos estilísticos ligados ao uso de expressões e itens lexicais que são compartilhados entre os membros e não membros da comunidade acadêmica, a estrutura composicional e o contexto comunicativo-situacional de produção, uso e circulação desses gêneros textuais acadêmicos tão comuns atualmente nas práticas discursivas da academia.

PAIVA, Jeimes de Oliveira; DUARTE, Antônio Lailton Moraes. Uma análise do artigo acadêmico experimental: as práticas discursivas e as experiências de escrita de alunos iniciantes do curso de Letras. Mosaico. São José do Rio Preto, v. 16, n. 1, p. 373-402, 2017.

THE GENRE EXPERIMENTAL ACADEMIC ARTICLE: THE DISCURSIVE PRACTICES AND THE WRITING EXPERIENCES OF STUDENTS OF THE LETTER COURSE

It is proposed in this research to describe a socio-theoretical organization of the information of the textual genre experimental academic article (AAE) produced by students beginning the Undergraduate Course in Literature. It is understood, a priori, that the SEA is one of the genres of great prestige in the production, distribution and consumption of scientific knowledge (SWALES, 1990, 2004; MOTTA-ROTH, 2001), being associated with written genres that some research done by its authors, aiming the presentation of discoveries and the discussion of theoretical

Mosaico (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP) São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017.

and methodological questions (BERNARDINO, 2007). For this work, the CARS Model of Swales (1990) was applied in a corpus of 15 AAEs. The results of this research demonstrated the need for a formalization of a socio-theoretical organization of the gender modality SEA that glimpsed the production context in its discursive community in relation to the norms of scientific writing. It is concluded with the accomplishment of this research that to formalize a pattern of socio-reorientation of AAEs of the beginning students of the course of Graduation in Letters of Fafidam, in the context of written production and of communication between its pairs, was, in fact, satisfactory, taking into account This resulted in a socio-theoretical organization of the AAEs of the analyzed *corpus*.

KEYWORDS: textual genre. Academic domain. Discursive community. Socio-rehearsal analysis. Experimental academic article.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, A. D. Práticas discursivas em conclusões de teses de doutorado. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, volume 6, número 3, set./dez. 2006.

_____. Dialogismo e interação no texto acadêmico: investigando estratégias discursivas. In: **Anais da XI Conferência Internacional sobre Bakhtin**. Curitiba: UFPR, 2004.

ASKEHAVE, I.; SWALES, J. M. Genre indentification and communicative purpose: a problem and a possible solution. **Applied Linguistics**, v.22, n.2, p. 195-212, 2001.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucite, 1979.

_____. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, [1953] 1992.

_____. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1952-1953] 1997. p. 279-326.

_____. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. 2. ed. Trad. Paulo Bezerra). São Paulo: Editora Unesp, 2003.

BERNARDINO, C. G. **O metadiscorso interpessoal em artigos acadêmicos: espaço de negociações e construção de posicionamentos**. 2007. 243f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

BEZERRA, B. G. **Gêneros introdutórios em livros acadêmicos**. 2006. 256f. Tese (Doutorado em Linguística). Pernambuco: Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

BIASI-RODRIGUES, B. **Estratégias de condução de informações em resumos de dissertações**. 1998. 211f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

_____. **O papel do propósito comunicativo na análise de gêneros: diferentes versões**. Disponível em: <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/cd/Port/28.pdf>. Acesso em 15/08/2017, p. 370.

BHATIA, V. K. **Analysing Genre: language use in professional settings**. London: Longman, 1993.

_____. Genre analysis today. In: **Revue belge de philologie et d'histoire belgisch tijdschrift voor filologie en geschiedenis**. Bruxelas, s. ed., 1997.

CHOULIARAKI, L. & N. FAIRCLOUGH. **Discourse in late modernity: Rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

DODD, J. **The ACS style guide: a manual for authors and editors**. Washington, DC: Library of Congress in Publication Data, 1986.

DUARTE, A. L. M. **As marcas de subjetividade na retextualização de Termos de Depoimento oriundos de audiências de instrução penal**. 2004. 187f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará - UFC, 2004.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

FIGUEIREDO, D. de C.; BONINI, A. Práticas discursivas e ensino do texto acadêmico: concepções de alunos de mestrado sobre a escrita. **Linguagem em (Dis)curso**, volume 6, número 3, set./dez. Florianópolis, 2006.

HENDGES, G. R. **Novos contextos, novos gêneros**: a revisão de literatura em artigos acadêmicos eletrônicos. 2001. 126f. Dissertação (Mestrado em Letras). Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, 2001.

HILL, S. S.; SOPPELSA, B. F.; WEST, G. K. Teaching ESL students to read and write experimental research papers. **TESOL Quarterly**, v. 16, n. 3, p. 333-347, 1982.

HYLAND, K. **Disciplinary discourse**: social interactions in academic writing. Singapura: Pearson Education Limited, 2000.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade**. In: DÍONISIO, A. P. *et al.* **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva *et al.* São Paulo: Cortez, 2001.

MOTTA-ROTH, D. **Redação acadêmica**: princípios básicos. Santa Maria: UFSM/Imprensa Universitária, 2001.

_____. Comunidade acadêmica internacional? Multicultural? Onde? Como? **Linguagem e Ensino**, v. 5, n. 2, p. 4965, 2002a.

_____. A construção social do gênero resenha acadêmica. In: MEURER, J. L. & MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros textuais**: subsídios para o ensino da linguagem. Bauru: EDUSC, 2002. p.77116, 2002c.

OLIVEIRA-SILVA, F. G. de.; DUARTE, A.L.M. (Re)construindo a Identidade e a Estética da Pesquisa Acadêmica: concepções prototípicas

de produção do gênero artigo científico. In: **Amostra de Trabalhos da Monitoria da XIII Semana Universitária**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2008, pp. 1-18.

_____. A monitoria como espaço de construção de posicionamentos e produção de gêneros textuais acadêmicos. In: **Amostra de Trabalhos da Monitoria da XV Semana Universitária**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2009, pp.1-23.

KNORR-CETINA, K.D. **The manufacture of knowledge**. Oxford: Pergamon, 1981.

SWALES, J. M. the function of one type participle in a chemistry text. In: BIASI-RODRIGUES, B.; ARAÚJO, J.C.; SOUSA, S.C.T. de. (Orgs). **Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales**. Belo Horizonte: Autentica Editora, p. 17-32, 2009.

_____. **Genre analysis: English in academic and research settings**. Cambridge: University Press, 1990.

_____. **Re-thinking genre: another look at discourse community effects** comunicação apresentada em Re-thinking Genre Colloquium, Ottawa: Carleton University, 1992.

_____. Genre and engagement. **Revue belge de philology et d'histoire**, v. 71, p. 687-698, 1993.

_____. **Other floors, other voices: a textography of a small university building**. Mahwah, N.J. Lawrence Erlbaum, 1998.

_____. **Research genres: explorations and applications**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.